

A REALIDADE DOS SONHOS

“Somos feitos da mesma matéria dos sonhos e nossa curta existência é rodeada de sono.”

Shakespeare: *A Tempestade*. (Ato IV, 1.)

“Os sonhos inventados podem ser interpretados da mesma maneira que os sonhos reais.”

Freud: *A Interpretação dos Sonhos*.

A importância atribuída por Freud a *A Interpretação dos Sonhos* foi tal como nenhum outro dos seus outros livros mereceu. E é mais do que compreensível que assim fosse – afinal, quase todos os sonhos são do próprio autor e constituem mesmo o material mais fidedigno que possuímos de sua auto-análise. Freud levou pelo menos quatro anos para escrever este livro e fez questão de revê-lo e atualizá-lo a cada uma de suas oito edições.

“Este livro, como nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando de sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém ele, mesmo de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro (“insight”) como esse só ocorre a alguém uma vez na vida.”

(Prefácio à Terceira Edição Inglesa, 1931.)

Em *Sobre a história do movimento psicanalítico*, Freud assinala *A Interpretação dos Sonhos* como sendo o “primeiro fruto” da nova técnica de associações livres que substituiu a hipnose. Na verdade, o livro em si constituiu uma grande inovação na teoria de Freud, pois representa a passagem de uma tentativa para explicar os processos psíquicos com base em uma fisiologia cerebral para o estudo de um simbolismo inconsciente universal e do caminho privilegiado para seu conhecimento – o sonho. É também neste livro que Freud publica, pela primeira vez, sua interpretação de obras literárias, estabelecendo uma unidade entre o *Édipo-Rei* de Sófocles e o *Hamlet* de

Shakespeare, ligando-os aos sonhos e fantasias universais de parricídio e de incesto. Ou seja, o que haveria de comum entre as duas tragédias são os elementos que mais tarde constituirão o que Freud chamará de “complexo de Édipo”.

A respeito dos sonhos, em geral, Freud conclui que sua função é a de realização disfarçada dos desejos recalcados. Tamanho é o disfarce nos sonhos que a realização dos desejos nos aparece às vezes sob forma de pesadelos. Tais distorções devem-se ao trabalho da censura interna que funciona mesmo durante o sono. Freud destaca quatro mecanismos deste trabalho:

1^o Condensação – mecanismo pelo qual duas ou mais pessoas podem ser representadas por uma só, por exemplo, É o responsável pela extraordinária economia dos sonhos que, mesmo muito breves, podem representar vários desejos.

2^o Deslocamento – o aspecto mais significativo do sonho pode se apresentar de modo a quase passar despercebido, ao passo que os aspectos secundários aparecem, às vezes, ricos em detalhes. Nisto constitui o deslocamento da energia de uma imagem para outra.

3^o Dramatização – representação por imagens em ação. O sonho é como um teatro que, como assinala Freud, se passa “num outro palco”. Shakespeare nos dirá que o mundo inteiro é um teatro. Também a dramatização é um mecanismo responsável pela economia dos sonhos.

4^o Simbolização – certas imagens dos sonhos têm sempre um mesmo significado. Freud fornece uma grande lista de símbolos inconscientes constituída de objetos que se referem sobretudo à sexualidade. Continentes em geral, como caixas, malas, cofres e etc. Seriam símbolos do órgão sexual feminino e objetos pontiagudos ou inseridos dentro de caixas, cavidades, etc. são geralmente símbolos do órgão sexual masculino.

É claro que os sonhos, sendo tão distorcidos por estes quatro mecanismos da censura, devem ser interpretados para se tornarem inteligíveis. O sonho de que nos lembramos constitui apenas o conteúdo manifesto e nos parece absurdo, louco.

Interpretado, ele se transforma num texto linear a que chamamos conteúdo latente, no qual vamos perceber com clareza o desejo realizado pelo sonho. O trabalho da interpretação é, pois, simétrico ao trabalho da censura.

Na obra de Shakespeare podemos perceber que o destaque concedido aos sonhos e à sua interpretação fazem do bardo um legítimo precursor de Freud. Uma de suas comédias, *O sonho de uma noite de verão*, trata precisamente da diferença entre o mundo dos sonhos e o da vigília. O mundo dos sonhos é o da floresta enlaurada, das fadas e dos elfos e o mundo da vigília é o da cidade de Atenas, do casamento de Teseu e hipólita, é o dia claro e urbano.

Entre esses dois mundos há uma única ligação que é o amor. Podemos então dizer que a peça é sobre sonhos e sobre o amor. A diferença entre o sonho e a vigília reside na troca de pares que torna o amor onírico, absurdo. O exemplo mais gritante é a paixão noturna de Titânia, a rainha das fadas, por Novelo, um artesão ignorante com uma cabeça de burro, assim transformado pela magia de Oberon, marido de Titânia, que desejava vingar-se da mulher. O diálogo entre Titânia e Novelo, cabeça-de-burro, esclarece a questão da peça (Ato III, 1):

“TITÂNIA – Peço-lhe gentil mortal, canta novamente. Tanto meus ouvidos estão apaixonados por sua voz, quanto meus olhos cativos pela tua forma, e a força do teu brilhante mérito me obriga a dizer-te, a jurar-te que te amo.

NOVELO – Creio, senhora, que tendes bem pouco motivo para isso. Porém, para dizer a verdade, nos tempos em que vivemos, a razão e o amor raras vezes estão juntos.”

Parece-nos que Shakespeare quer mostrar através do tema do amor que todo ele é pura desrazão. Ou seja, o “coração tem razão que a razão desconhece”, como disse Pascal. Todo apaixonado é poético, onírico, vive no mundo da lua ou dos sonhos.

Como diz Teseu, em sua célebre fala do Ato V, 1:

“Os amorosos e os loucos têm cérebros ardentes, fantasias visionárias que percebem o que a fria razão jamais poderá compreender. O louco, o amoroso e o poeta são todos feitos

de imaginação; um vê mais demônios do que o inferno pode contar; o amoroso, não menos insensato, vê a beleza de Helena na frente de uma egípcia; o olhar do ardente poeta, no seu formoso delírio, vai alternadamente dos Céus à Terra e da Terra aos Céus”...

G.K. Hunter, em seu artigo sobre a peça, escreve:

“O Sonho de Uma Noite de Verão pode ser melhor entendido, de fato, como um divertimento lírico, ou como uma série de danças – alegres, sóbrias, imponentes, absurdas. Shakespeare esbanjou sua arte nas excelências separadas das diversas partes, mas não procurou mostrá-las como crescendo uma das outras num processo análogo ao do desenvolvimento sinfônico.”

De fato, o mundo dos sonhos é o mundo sem as leis da concatenação que regem os processo da vigília; é o mundo das partes desconexas, das figuras e da ação. Nada tem a ver com o “desenvolvimento sinfônico”.

Ao despertar de um sono, já sem a cabeça de burro, Novelo acredita que tudo não passou de um sonho:

“Eu tive um sonho – nem toda a sapiência do homem ia poder me dizer o que era este sonho. Não passa de um asno quem foi por aí tentando explicar este sonho. Parecia que eu era... ninguém vai conseguir me contar o quê. Parecia que eu era e parecia que eu tinha... mas não passa de um tolo quem me oferecer para me dizer o que parecia que eu tinha. Os olhos dos homens não ouviram nem seus ouvidos viram as mãos dos homens não podem provar nem suas línguas conceber, nem o coração relatar o que meu sonho era”.

O caráter fragmentário da narrativa do sonho, bem expresso nesse trecho, é a consequência do trabalho da censura que, como se vê, também dificulta a rememoração do sonho.

A peça termina com o epílogo de Puck, o elfo brincalhão, bobo da corte de Oberon e que se diverte jogando um sumo de flores nos olhos dos adormecidos para fazê-los apaixonarem-se pela primeira pessoa que virem ao despertar:

“ Se nós, sombras, vos ofendemos,
Pensai somente nisto – e tudo estará resolvido –
Ficastes aqui dormindo
Enquanto apareciam estas visões.
E este fraco e humilde tema,
Que nada mais contém que um sonho,
Gentis espectadores, não o condeneis.”

Além deste livro todo ele dedicado aos problemas do sonho, Shakespeare faz inúmeras alusões a sonhos em outras peças.

Quando Otelo pede a Iago que lhe forneça uma “prova palpável” da traição de Desdêmona, Iago inventa um sonho que atribui a Cássio durante o qual este o beija, confundindo-o com Desdêmona.

Otelo, ao ouvir a narrativa do pseudo-sonho, exclama: “Oh, monstruoso, monstruoso!” E quando Iago, seguindo sua tática, responde que se trata apenas de um sonho, Otelo, convencido já, lhe diz que o sonho indica que já houve a consumação dos amores de Cássio e Desdêmona.

Tal é o valor que Shakespeare atribui aos sonhos. Às vezes, o sonho aparece com a conotação de um delírio, como no *Conto de Inverno*, na cena em que Leontes, preso de ciúmes patológicos, acusa sua mulher, Hermione, de tê-lo traído com Polixenes, sendo sua própria filha uma bastarda dos dois amantes. (Ato III, 2.)

“HERMIONE – Senhor, estais falando uma linguagem que não compreendo. Minha vida está ao alcance dos vossos sonhos, a eles eu a abandono.

LEONTES – Vossas ações são meus sonhos! Tivestes uma bastarda de Polixenes e tudo não passou de um sonho meu.”

Muitos sonhos de Shakespeare têm uma função aparentemente premonitória. Na verdade, aquilo que o sonho “prevê” é algo que o sujeito já “sabia” inconscientemente. Um magnífico exemplo é o sonho de Clarence, em *Ricardo III*, em que ele revela a si mesmo e ao seu acompanhante na Torre de Londres, na véspera de morrer, que será traído pelo irmão. Ora, esta traição era mais do que provável, já que o indulto prometido por Ricardo não chegara – aliás, é o próprio Ricardo quem intercepta a carta de indulto enviada pelo rei Eduardo, irmão dos dois, para a Torre de Londres onde Clarence estava preso. O sonho é o seguinte:

“Sonhei que estava fora desta Torre
E que embarcava p’ra ir à Borgonha,
Em companhia de meu mano Gloster,
Que me induziu a ir para o convés.
De lá olhávamos para a Inglaterra,
E recordávamos mil duros feitos,
Durante as guerras entre York e Lancaster,
Que nos feriram. E entre os lentos passos
Que dávamos um pouco entontecidos,
Pareceu-me que Gloster tropeçou
E, ao cair, lançou-me para as águas,
Dentro do mar, revolto e encapelado.
Meu Deus! Como é horrível afogar-se!
Que ruído horrível de água em meus ouvidos!
Que fantasmas de morte nos meus olhos!
Julgava ver milhares de navios,
Homens ao mil comidos pelos peixes,
Âncoras, barras de ouro, muitas pérolas,
Pedras preciosas, valiosas jóias,
Espalhadas no fundo do oceano;
Algumas sobre crânios; e, em buracos
Que noutros tempos abrigavam olhos,
Por ironia penetravam gemas
Que brilham nas viscosas profundezas
E zombam das ossadas espalhadas.”

Outro exemplo de um sonho deste tipo é o de Romeu, em Mântua, quando ele vê Julieta chegando e, ao encontrá-lo morto, soprar tanta vida dentro dele com seus beijos que ele revive e se torna imperador. Este sonho claramente refere-se ao plano concebido pelos dois amantes, junto com Frei Lourenço, para dar a Julieta uma poção que a faria parecer morta. O sonho realiza três desejos: o de que o plano dê certo e o de que em vez de encontrar Julieta aparentemente morta, seja ele o falso morto encontrado por ela. Também sendo imperador ele será mais que o príncipe que o banira.

Ainda em *Ricardo III*, na véspera da batalha final em que Ricardo será morto por Richmond, todos os fantasmas das pessoas por ele assassinadas desfilam diante de seus olhos adormecidos para persegui-lo com palavras de desespero e morte.

Este é mais um dos grandes achados de Shakespeare: a culpa dos assassinos, por seus crimes, leva-os a serem perseguidos por pesadelos dos fantasmas de suas vítimas e a uma necessidade de autopunição. Assim é que Ricardo, o grande guerreiro invencível, tinha que punir-se perdendo a batalha final.

A mesma situação ocorre em *Macbeth*, que vive um contínuo pesadelo. Havendo, como ele próprio declara, “assassinado o sono”, de modo a não mais poder dormir, Macbeth passa a ver acordado (alucinar) os fantasmas de suas vítimas. Como, na cena do banquete (Ato II, 4), o fantasma de Banquo sentado em sua cadeira, ou seja, no lugar do rei, que a profecia das feiticeiras atribuíra ao filho de Banquo.

Shakespeare também sabia que a linguagem do sonho necessita ser interpretada para ter um sentido. Às vezes, uma interpretação pode modificar o entendimento próprio ao sonhador. É o que acontece no caso do famoso sonho de Calpúrnia em *Julio César*. Aí vemos como, de duas interpretações conflitantes, o sujeito escolhe a que mais lhe convém.

“CÉSAR -... Minha esposa Calpúrnia é que me prende,
no querendo que eu saia. Viu em sonho
Minha estátua, esta noite, como fonte
Que despejava sangue por cem bocas,
Na qual as mãos banhavam, sorridentes
E robustos romanos. Ela toma
Semelhante visão como advertência

d perigo iminente e mau agouro,
Tendo, de joelho, suplicado que hoje
De casa eu não saísse.
DÉCIO – Mas o sonho
Foi mal interpretado! É auspiciosa
Toda a visão e de feliz agouro.
Vossa estátua a jorrar por muitos canos
o sangue em que romanos sorridentes
mergulhavam as mãos, é sinal certo de que de vós há de tirar
mui breve sangue renovador a grande Roma, empenhando-se
os homens mais ilustres por alcançar de vós braços mias
novos,
reliquias e penhores. Isso, apenas,
é o que revela o sonho de Calpúrnia.

CÉSAR – Mui bem o interpretaste
desse modo.”

A interpretação de Décio não é apenas a que mais atende aos desejos de César. É, sobretudo, a expressão dos anseios do próprio Décio que, como parte integrante da conspiração para assassinar César, está interessado em que ele saia de casa.

Um dos mais belos exemplos de sonho enquanto realização de desejo é o sonho de Cleópatra. A narrativa deste é feita a Dolabela, cujas interrupções podem ser interpretadas como tentativas infrutíferas de despertar a rainha.

“CLEÓPATRA – Sonhei que houve um imperador Antônio!
Oh! Se pudesse ter outro sonho semelhante, para ver outro
homem igual àquele!

DOLABELA – Permitti, senhora...

CLEÓPATRA – Seu rosto era semelhante ao céu e lá o sol e a
lua brilhavam, observando seu curso e iluminando este
pequeno zero, a terra.

DOLABELA – Rainha soberana...

CLEÓPATRA – Suas pernas abarcavam o oceano. Seu braço,
levantado, servia de cimeira para o mundo. Dirigindo-se aos
amigos, sua voz era harmoniosa como a música das esferas,
mas quando queria dominar e fazer tremer o globo, era como o

estrondo do trovão. Quanto à generosidade, não conhecia o inverno: era um perpétuo outono, sempre fértil à medida que era mais colhido. Seus deleites pareciam os do delfim, mostrando o dorso acima do elemento em que vive. Em sua comitiva, iam reis portadores de diademas e de coroas. Reinos e ilhas caíam de seus bolsos como moedas de prata.

DOLABELA – Cleópatra...

CLEÓPATRA – Acreditais que possa ter existido ou existiu homem igual a esse com quem sonhei?

DOLABELA – Não, prezada senhora.

CLEÓPATRA – Estás mentindo, aos próprios ouvidos dos deuses! Porém, se existiu ou possa ter existido algum dia semelhante pessoa, esse homem está além do que possam imaginar os sonhos. Falta à natureza matéria para competir, em formas estranhas, com a imaginação. Entretanto, imaginar que um Antônio era obra-prima em que a natureza superava a imaginação, reduz a nada as criações do pensamento.”

A última fala de Cleópatra encerra uma contradição, já que, desperta, afirma ela ter existido um Antônio “além do que possam imaginar os sonhos”. Mas este Antônio, acaso não será ainda um objeto da imaginação? Cleópatra, portanto, continua sonhando acordada, confirmando assim a frase de Shakespeare que abre este capítulo:

“Somos feitos da mesma matéria dos sonhos e nossa curta existência é rodeada de sono.”

Freud estaria plenamente de acordo com esta frase, pois um dos postulados básicos de sua teoria é o de que todos nós vivemos simultaneamente em dois mundos: o mundo dos sonhos, ou do processo psíquico primário, e o da vigília, ou do processo psíquico secundário.

Quando Freud afirma que “os sonhos inventados podem ser interpretados da mesma maneira que os sonhos reais”, ele o diz baseado em nossa existência constante no mundo dos sonhos ou das fantasias inconscientes. A qualquer momento, tais fantasias podem emergir na consciência, levando à criação de um sonho. Shakespeare faz isto com frequência e Freud confere validade às interpretações que podemos dar a estes sonhos. O

próprio Freud interpreta às vezes peças inteiras como se fossem sonhos. É o que faz com Hamlet, em que toda a tragédia é vista como baseada no sonho recalcado de parricídio e incesto. O próprio Hamlet nos diz: “Eu poderia estar recluso numa casca de noz, e julgar-me rei de ilimitado espaço, não fossem os meus sonhos maus”.

(Extraído de *Freud e Shakespeare*, de E. Portella Nunes e C. H. Portella Nunes. Imago Editora, 1989)